

XVI CICLO DE DEBATES

reflete sobre as mudanças no Jornalismo e a desconfiança em relação à imprensa

Em uma noite de setembro, alunos e professores de diversos cursos do UniBrasil estiveram reunidos no auditório René Dotti para refletir acerca de uma questão de absoluta pertinência: no contexto em que vivemos, marcado pela hipermediatização – ambiente no qual a população, em geral, tem acesso a dispositivos tecnológicos e se sente preparada (e mesmo autorizada) a produzir conteúdos informativos de qualidade variável – será que minha avó se tornou uma espécie de jornalista?

AUTORA:

MAURA OLIVEIRA MARTINS
DOUTORA E MESTRE EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, PROFESSORA DOS CURSOS DE JORNALISMO E PUBLICIDADE E PROPAGANDA DO UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO.



Emerson Cervi, Helen Anacleto, Leonardo Gomes e Fernando Farracho.

A pergunta, claro, é uma provocação. Ela diz respeito à ideia, que circula no senso comum, de que Jornalismo é algo que, teoricamente, poderia ser produzido por qualquer um que saiba minimamente mexer em ferramentas (celulares, *tablets*, câmeras etc.) e que tenha habilidades para publicar seus registros em redes digitais. Basta estar no lugar certo, com uma máquina na mão, e ter algum *feeling* sobre o que seja, de fato, uma notícia, e aí teríamos um jornalista. Mas será que este ofício, tão importante para o funcionamento saudável dos sistemas democráticos, se resumiria ao conhecimento de uma técnica?

Foi esta inquietação que mobilizou a mesa de abertura do XVI Ciclo de Debates, evento promovido pelo curso de Jornalismo e que reuniu profissionais e pesquisadores para debater este tema. Os convidados para participar da discussão foram três jornalistas: Helen Anacleto, repórter da RPC TV e doutoranda em Comunicação pela UFPR; Fernando Parracho, apresentador e editor chefe da RPC TV; e o professor doutor Emerson Urizzi Cervi, docente da pós-graduação dos programas de Ciência Política e



Comunicação da UFPR. Juntos, os três compuseram um relevante painel acerca das mudanças do Jornalismo, tendo como pano de fundo a discussão sobre a identificação de qual seria a essência irrevogável dessa profissão, em um contexto em que todos, potencialmente, conseguem comunicar às massas.

E a conclusão desta reflexão é clara: a atividade jornalística não se popularizou, não virou diletantismo, não se tornou uma prática que pode ser exercida por qualquer um que consiga produzir e divulgar seus conteúdos na internet. Conforme pontuou, de forma incisiva, o professor Cervi: não, nossa avó não se tornou jornalista, pela razão simples de que o Jornalismo é um campo profissional, suportado por valores, funções e regras específicas, idealmente regulado pelos próprios pares. Esses compromissos éticos e estéticos do ofício, portanto,

não tendem a ser compartilhados com a população leiga. “Não se vira jornalista, mas se forma jornalista”, lembrou Cervi. Do mesmo modo, o professor afirma que há um equívoco em acreditar que as ferramentas tecnológicas, por si mesmas, “empoderaram” a população de conhecimentos e habilidades jornalísticas: “nossas avós sempre fizeram o que fazem hoje, mas sem *WhatsApp*. Não mudou nada”.

Ou seja, se por um lado o Jornalismo não se tornou uma prática ao alcance de todos, é inegável constatar a existência de uma mudança, que aponta a um cenário de crise dos próprios jornalistas e de sua função, uma vez que há uma desconfiança sobre as mídias. Esta crise de credibilidade é fomentada por várias frentes. Em parte, pelas próprias empresas de comunicação e seus profissionais, que não souberam se posicionar de

forma efetiva em relação à entrada de outros atores neste cenário. Em parte, por uma crise do próprio negócio jornalístico, acentuada pela migração dos veículos para plataformas digitais e pela má cultura de ofertar conteúdos gratuitamente (criando a sensação no leitor de que não vale a pena pagar por Jornalismo de qualidade, pois ele teria sempre sido ofertado de graça – o que é, como bem sabemos, uma mentira).

E por fim, não é possível deixar de pontuar um discurso coletivo contra o Jornalismo (alimentado, em parte, por certas frentes políticas), que passou a ser descrito como uma atividade que afasta a população da verdade, e não o contrário. É neste argumento, afinal, que se abre espaço para que se entenda o cidadão comum – categoria na qual entram, por exemplo, os nossos avós – como alguém mais próximo do fato que

o próprio jornalista e, por isso, alguém capaz de narrar a realidade de forma mais honesta e transparente.

Esta ideia, é claro, é uma falácia e que serve a favor de diversos fins. Dentre eles, o de abrir espaço para que a concepção de que falar direto à população, numa ligação direta, é a forma mais franca e objetiva de comunicação. Obviamente, qualquer um que entenda minimamente sobre a retórica da política sabe, por exemplo, que políticos (e outros atores sociais, é bom pontuar) mentem, distorcem, seduzem, manipulam, descontextualizam aquilo que dizem, nutrindo falas com interesses diversos.

Então caberia aqui destacar que esta crise, ao fim das contas, é mais ampla, pois não atinge apenas o Jornalismo. Como apontou Helen Anacleto, a crise é dos mediadores – ou seja, de todos os



Maura Martins, Emerson Cervi, Helen Anacleto, Fernando Farracho e Melania Carnhelutti.

ofícios e sujeitos que historicamente foram a “ponte” que une e/ou aproxima a população de algum conhecimento, como os jornalistas, os professores, os cientistas, os fotógrafos profissionais etc. Há, como lembra Emerson Cervi, um movimento – marcado por fortes interesses políticos – que tenta desqualificar as instituições de validação da verdade, como o Jornalismo e as universidades, apontadas como desnecessárias ou mal intencionadas.

E frente a todas essas crises, então, como garantir a sobrevivência de um ofício de mediação tão essencial quanto o Jornalismo? Para os três convidados, talvez a saída seja não esmorecer, ou seja, continuar cumprindo as premissas básicas da profissão. Segundo Fernando Parracho, em um momento histórico em que as informações de má qualidade estão em todo lugar, cabe aos jornalistas a tarefa de permanecerem fiéis às suas práticas históricas: buscar a pluralidade de versões sobre um fato e estar em eterna desconfiança em relação aos dados que chegam até eles. Cervi destaca ainda que os jornalistas devem resistir às estratégias agressivas usadas por não-jornalistas que disseminam fake news. O ofício deve prezar pela moderação, pela procura incansável pelo caminho do meio, o que costuma se aproximar da verdade.

Não obstante, a necessidade da manutenção da essência do Jornalismo não deve sugerir que não seja preciso

acompanhar as mudanças. Dentre essas modificações está, segundo Helen Anacleto, o aprendizado de múltiplas linguagens – o que faz com que ser jornalista hoje seja mais complexo do que já foi em outros tempos. As mudanças acompanham não só os profissionais, mas também as empresas, que agora repensam suas estratégias para buscar atender um público repleto de novas demandas e refazem seus negócios tendo em vista um mundo no qual o modelo industrial – sob o qual se encaixavam as indústrias jornalísticas até pouco tempo – não é mais o vigente. Fazem isso não apenas por tática, mas também por necessidade. “Adaptação é sobrevivência”, lembra o jornalista Fernando Parracho.

Desse modo, lembram os convidados, é preciso manter em mente uma verdade imutável: a de que o Jornalismo profissional permanece sendo uma das poucas chances que temos de alcançar o conhecimento e, conseqüentemente, de promover a cidadania e garantir à população a autonomia de pensamento. Em tempos obscuros, tais como os que vivemos, isto não é pouca coisa. Por essa razão, é preciso proteger este ofício de modo veemente, investindo na formação de bons jornalistas, capazes de atuar de forma independente e responsável em nosso país – algo que nós, no UniBrasil Centro Universitário, temos feito há quase duas décadas.

